



ADVÉRBIO

REVISTA CIENTÍFICA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

VOL. 18 - N. 35 | JUL./DEZ. 2024 | ISSN 1808-883X

PALAVRA-SIGNO: A ABORDAGEM IDEOLÓGICA DA LINGUAGEM

Daniele Bertollo

Margarete Aparecida Nath Braga

Paulo Cesar Fachin

PALAVRA-SIGNO: A ABORDAGEM IDEOLÓGICA DA LINGUAGEM

Daniele Bertollo¹

Margarete Aparecida Nath Braga²

Paulo Cesar Fachin³

RESUMO:

Muitas são as possibilidades teórico-metodológicas de abordagem para o trabalho científico com a linguagem, no entanto, propomo-nos aqui a dialogar com a perspectiva sociológica. Os estudos integrantes deste trabalho tematizam uma reflexão exploratória sobre linguagem e ideologia, principalmente no âmbito da palavra, com base nos postulados do Círculo de Bakhtin. Buscamos, desta forma, mostrar como o fenômeno ideológico pode ser compreendido dentro de um enquadramento sociológico da linguagem. A leitura analítico-interpretativa aqui apresentada é parte constitutiva da *Tese*, que está em desenvolvimento, intitulada *Gênero discursivo manifesto: uma análise na perspectiva do método sociológico de Mikhail Bakhtin*. Adotamos como referencial teórico pesquisas e publicações do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011[1992] e Volóchinov (2021[1895-1936]), e outros teóricos que exploram direta ou indiretamente a perspectiva sociológica da linguagem, tais como: Rodrigues (2001, 2005), Faraco (2009), Pereira, Rodrigues (2014), Ponzio (2008) e Costa (2018). Este trabalho constrói-se essencialmente por meio de revisão bibliográfica e busca colaborar para a compreensão da linguagem em toda sua flexibilidade intrínseca aos elementos contextuais e seu imbricamento na construção da palavra-signo.

PALAVRAS-CHAVE:

Palavra-signo, Ideologia, Linguagem, Círculo de Bakhtin.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, danixbertollo@gmail.com.

² Pós-doutorado (em andamento) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste e Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora do curso de Letras do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG, margabraga@yahoo.com.

³ Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Professor de língua espanhola do IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina, paulo.fachin@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão exploratória sobre linguagem e ideologia, no âmbito da palavra, com base nos postulados do Círculo de Bakhtin. Buscamos, desta forma, mostrar como o fenômeno ideológico pode ser compreendido dentro de um enquadramento sociológico da linguagem. A leitura analítico-interpretativa aqui apresentada é parte constitutiva da *Tese*, que está em desenvolvimento, intitulada *Gênero discursivo manifesto: uma análise na perspectiva do método sociológico de Mikhail Bakhtin*.

Destacamos que este estudo não pretende exaurir as possibilidades analítico-interpretativas dos postulados Bakhtinianos referentes à linguagem e ideologia, mas apresentar o resultado de nossa leitura, enquanto produto ideológico, no que se refere ao entendimento da palavra como *palavra-signo*. Para isso, organizamos o artigo em quatro seções: 1) esta introdução, 2) *A abordagem sociológica da linguagem*, 3) *Linguagem e ideologia* e, por último, 4) as considerações finais.

2 A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA LINGUAGEM

Um grupo de intelectuais multidisciplinares se reuniu, na Rússia, no período de 1919 a 1929, e traçou o início dos estudos filosóficos da linguagem marxista. Dentre essas figuras, destacamos Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medvedev. Esse grupo, posteriormente, recebeu a alcunha de Círculo de Bakhtin (Faraco, 2009). Embora os textos do Círculo sejam datados entre 1919 e 1974, por questões políticas, foram relegados ao obscurantismo até meados de 1960 (Rodrigues, 2005). Segundo Rodrigues (2005), a autoria dos textos produzidos pelo Círculo em meados de 1920 não é consenso e gera debate entre pesquisadores, pois

alguns textos de Volóchinov e Medvedev foram atribuídos à Bakhtin⁴.

O Círculo de Bakhtin procurava compreender a linguagem com base em uma perspectiva dialógica, considerando, por exemplo, como os discursos são saturados e refratados pela ideologia, e como essa relação entre ideologia e linguagem se constitui, independentemente, se fazem parte da esfera cotidiana ou de esferas formalizadas e sistematizadas da linguagem (Pereira, Rodrigues, 2014).

Além disso, para Rodrigues (2005), é relevante fazer duas ponderações sobre a perspectiva dialógica da linguagem. A primeira é relativa à flutuação terminológica existente na obra do Círculo que pode ter sido gerada pelo processo de tradução, observada no mesmo texto ou em comparação com outras traduções, ou, por uma questão de “predileção” de Bakhtin pela variação terminológica, mas que, segundo ele, não resulta na falta de unidade conceitual”. A segunda ponderação é sobre a noção de gêneros do discurso bakhtiniana que não deve ser dissociada das noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e atividade humana, pois, nesse viés, a noção de gêneros não será reducionista (Rodrigues, 2005, p. 154).

Assim, a construção deste escopo teórico se constrói sob uma perspectiva sócio-histórico-cultural da linguagem, em outras palavras, a visão que desenvolvemos aqui é de que a linguagem é um fato social. Neste viés, Costa-Hübes (2017) aponta a linguagem como meio para a compreensão do sujeito, pois nela reflete a concretização de seu mundo e isso só é possível se considerarmos o entorno,

[...] o lugar social ocupado pelo sujeito, sua posição axiológica, o contexto que o envolve, a cultura que nele se projeta, as atitudes valorativas que assume, seu modo de compreensão da vida social, enfim, sua postura autoral assumida no texto-enunciado que produz (Costa-Hübes, 2017, p. 554).

⁴ Devido as controversas geradas pela atribuição de autoria, neste estudo, optei pela generalização utilizando “Círculo de Bakhtin” ou atribuindo a autoria à opção feita pelo tradutor, na bibliografia utilizada.

Ademais, Bakhtin (2011[1992], p. 311) destaca que o texto vivo emerge em sua verdadeira essência “*na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos*”, em outras palavras, emerge da interação que ocorre entre eles (dialogicamente). Por isso, consideramos relevante conhecer também a noção de *compreensão* prevista por Bakhtin, pois “qualquer estudo dos signos, seja qual for o sentido em que tenha avançado, começa obrigatoriamente pela compreensão” (Bakhtin, 2011[1992]), p. 317).

Entendemos que a compreensão se trata, metaforicamente, de “um jogo de espelhos”, pois Bakhtin diz que “quando um texto se torna do nosso conhecimento podemos falar de reflexo do reflexo. A compreensão de um texto sempre é um correto reflexo do reflexo. Um reflexo através do outro no sentido do objeto refletido” (Bakhtin, 2011[1992], p. 319). No entanto, não podemos compreender tal metáfora em uma relação unicamente de reprodução, pois a compreensão de um mesmo signo-linguístico se dá de acordo não só com os interlocutores dispostos na interação, mas também com o contexto em que a comunicação se concretiza, ou seja, sob a ótica do dialogismo.

Para Bakhtin (2011[1992]), a compreensão efetiva, real e concreta se dá em uma totalidade de atos particulares que são indissolúveis no processo global de compreensão. Contudo, cada ato particular tem uma autonomia semântica que pode ser destacada para fins didáticos:

Quadro 1 – A compreensão, segundo o método sociológico.

A COMPREENSÃO	
1.	A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial)
2.	Seu <i>reconhecimento</i> (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua.
3.	A compreensão de seu <i>significado</i> em dado contexto (mais próximo e mais distante).

4.	A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores com base em Bakhtin (2011[1992], p. 398).

Observamos, então, que, embora possa ocorrer uma divisão do processo de compreensão, Bakhtin (2011[1992]) ressalva que ela efetivamente só ocorre em uma totalidade inseparável. Para o autor, a palavra é compreendida no processo em que a imagem se converte em símbolo, adquirindo, assim, profundidade semântica, “a imagem deve ser compreendida pelo que ela é e como o que significa”. Deste modo, ocorrem encadeamentos semânticos mediatizados pelo mundo, pois “o conteúdo do símbolo autêntico está correlacionado com a ideia de totalidade mundial, com a plenitude do universo cósmico e humano. O mundo tem um sentido. [...] Todo fenômeno particular está imerso no elemento dos *primórdios do ser*”. A partir disso, toda a interpretação de um símbolo torna-se um símbolo também (mais racionalizado) (Bakhtin, 2011[1992]), p. 398).

A abordagem sociológica da linguagem parte da premissa de que o discurso verbal se origina em uma situação extralinguística que está associada à vida, por isso, prenuncia que “a interpretação de estruturas simbólicas tem de entranhar-se na infinitude de sentidos simbólicos” e os sentidos não podem ser interpretados de forma científica, mas sim cognitiva (Bakhtin, 2011([1992]), p. 398-399). Dessa forma, ao entendermos a linguagem como ponto de partida para os postulados bakhtinianos, discorreremos sobre linguagem e ideologia.

3 LINGUAGEM E IDEOLOGIA

Ressalvamos a noção de que a inter-relação entre linguagem e ideologia se entretece em toda obra bakhtiniana, da mesma forma como ocorre com as demais noções de linguagem pautadas pelo Círculo de Bakhtin, portanto, não buscamos

definições prontas ou acabadas, mas sim intentamos descortinar conceitos no movimento das práticas discursivas e da sua formulação teórica (Pereira; Rodrigues, 2014).

É sob a perspectiva de que todo signo é ideológico que iniciamos nossas considerações. A ideologia se dá por meio dos signos que, por sua vez, possuem significado e remetem a algo situado fora de si mesmos – portanto, “o signo é um fenômeno do mundo externo” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 94). Seja um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo etc. não terá significado e se equivalerá a si próprio, dentro de sua realidade única e natural. No entanto, quando um objeto físico é transformado em um signo, torna-se um produto ideológico, reflete e refrata outra realidade além daquela que entendemos por sua realidade natural (Volóchinov, 2021[1895-1936]).

A unicidade e a materialidade também são características inerentes aos signos, contudo, a significação dos signos ultrapassa os limites de sua existência e vai além de ser uma parte da realidade, pois ao refletir ou refratar outra realidade poderá ser “capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”, assim, “tudo que é ideológico possui significação sgnica” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 93).

Contrapondo a filosofia idealista e os estudos culturais de cunho psicológico, que entendiam a ideologia como um fato da consciência, o Círculo de Bakhtin afirma que é de extrema importância a premissa de que “o signo é um fenômeno do mundo externo”, pois, ele e o que dele surge são gerados no mundo social, ocorrem externamente (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 94).

O Círculo de Bakhtin apregoa que os signos despontam do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra, pois “uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, apenas no processo de interação social”. Há, portanto, uma cadeia de criação ideológica, em que a compreensão de um signo se dá na relação deste com outros signos já conhecidos (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 94).

Rodrigues (2001), ao refletir os preceitos do Círculo, também considera que “os fenômenos ideológicos não podem ser reduzidos à consciência ou ao psiquismo [...], mas a sua realidade objetiva *sígnica*, pois todo fenômeno ideológico tem uma encarnação material, *sígnica*” (Rodrigues, 2001, p. 10). A consciência pode ser definida a partir de uma concepção sociológica, pois a consciência não se constitui apenas por sua natureza, mas sim “se realiza no material *sígnico* criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada”, ela “se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si sua lógica e as suas leis”, não há consciência sem seu conteúdo *sígnico* ideológico (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 97-98).

Destarte, a ideologia está no signo que, por sua vez, é socialmente criado pelo sujeito. Justamente por isso que o signo emerge entre indivíduos organizados. Volóchinov (2021[1895-1936]) evidencia que colocar os indivíduos frente a frente, sem que estejam organizados, não é suficiente para que o signo se constitua, é necessário que formem uma unidade social.

Portanto, os signos sociais são a realidade dos fenômenos ideológicos que se manifestam na comunicação. Por sua vez, as leis da comunicação *sígnica* são influenciadas pelo conjunto de leis econômicas e sócio-políticas da sociedade, o que reforça a premissa de que “a consciência individual não é a arquiteta da superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos” (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 98). Assim, fica mais clara a relação dos signos ideológicos com a comunicação social, pois o signo é orientado pela comunicação e se materializa nela (Volóchinov, 2021[1895-1936]).

Volóchinov (2021[1895-1936]) destaca que é na linguagem que o fenômeno ideológico se apresenta de forma mais clara e completa, pois a palavra é o fenômeno ideológico por excelência que emerge das relações sociais – “a palavra é *medium* mais apurado e sensível da comunicação social”, por isso, quando tratamos sobre a palavra, falamos da palavra-signo (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 99). Por isso, o signo é a materialização da ideologia, portanto, é a palavra viva que ganha centralidade, não a palavra no sentido do dicionário, é a palavra-signo que articula

todo o fluxo de comunicação social (Costa, 2018).

Segundo Volóchinov,

Uma forma linguística não será compreendida como tal enquanto ela for apenas um sinal para aquele que a compreende. Um sinal puro não existe nem nas fases iniciais de aprendizagem de uma língua. Mesmo nesse caso a forma é orientada pelo contexto e se constituiu em um signo, embora estejam presentes sua natureza de sinal e o momento do seu reconhecimento (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 179).

Em outros termos, a palavra, enquanto forma, é real; contudo, Volóchinov (2021[1895-1936]) destaca que, em todas as fases de aquisição da linguagem, a palavra é sempre orientada pelo contexto e, somente assim, terá valor linguístico-ideológico. Ademais, além de ser o mais puro dos signos, a palavra também é considerada um signo neutro. A neutralidade da palavra-signo se dá pela sua plasticidade em poder assumir qualquer função ideológica específica (moral, religiosa, estética, científica), enquanto os demais materiais sígnicos se enquadram em campos particulares de criação ideológica (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 99).

Inclusive, é relevante ressaltar que é no cotidiano que a palavra assume o protagonismo da comunicação. Volóchinov aponta que se trata de um campo de comunicação que não pode ser atribuído a uma esfera ideológica específica, pois se trata da comunicação cotidiana. Segundo Volóchinov, essa comunicação acaba por se relacionar com várias esferas ideológicas já formadas e especializadas, além de estar diretamente em contato com processos produtivos, tornando-se, assim, muito importante. É no campo da ideologia do cotidiano que ocorrem as interações do dia a dia, por meio da linguagem coloquial e suas formas (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 99-100).

Pautando-se em Volóchinov (2021[1895-1936]), Pereira e Rodrigues (2014) apontam que a ideologia do cotidiano é a seiva da existência da ideologia formalizada e sistematizada. Em outras palavras, o cotidiano que nutre as demais ideologias já estabelecidas:

[...] a ideologia do cotidiano corresponde à totalidade da atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga, ambas de natureza social, e que não correspondem a um sistema ideológico formalizado e sistematizado. Já os sistemas ideológicos formalizados, como o da ciência, da moral, da arte, da religião etc., constituem-se a partir da ideologia do cotidiano e, uma vez constituídos, exercem forte influência sobre esta, dando-lhe o seu tom (Pereira; Rodrigues, 2014, p. 179).

Assim, é por meio da ideologia do cotidiano que ocorrem as avaliações críticas que fomentam as ideologias formalizadas e sistematizadas. Neste tocante, é de grande relevância destacar a tentativa de apagamento da pluralidade dos signos quando, por exemplo, classes dominantes tentam abafar/sufocar a heterogeneidade linguística de classes menos favorecidas, em favor de uma visão unificadora e preconceituosa. Nesse movimento, fica palpável a forma como a ideologia perpassa a língua, neste caso, por meio de preconceito linguístico (Pereira; Rodrigues, 2014).

Ademais, Ponzio (2008, p. 112) diz que “a ideologia é a expressão das relações histórico-materiais dos homens, mas “expressão” não significa somente interpretação ou representação, mas também significa organização, regularização dessas relações”, ou seja, o imbricamento existente entre a linguagem e a ideologia não deve ser entendido como uma espécie de “cartografia” das relações histórico-materiais, mas principalmente como movimento fomentador social, a partir de sua não neutralidade, na comunicação verbal.

Uma vez clarificado que a ideologia se faz presente nos signos, portanto, não é fruto da consciência individual do sujeito; e que é o contexto social que norteia o uso dos signos, assim como o uso da linguagem, signo ideológico por excelência, vamos relembrar o surgimento de duas importantes correntes teóricas sobre a linguagem, no século XIX: o Subjetivismo Idealista e o Objetivismo Abstrato.

No século XIX, essas correntes teóricas foram amplamente exploradas, mas são consideradas pelo Círculo de Bakhtin absolutamente reducionistas. Volóchinov (2021[1895-1936], p. 155) aponta Wilhelm Humboldt como o mais importante

representante e fundador do Subjetivismo Idealista. Humboldt e demais estudiosos entendiam a língua como “um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo”. Apresentaram, então, quatro postulados que representavam seu ponto de vista:

- 1) A língua é atividade, um processo ininterrupto de criação [...], realizado por meio de atos discursivos individuais;
- 2) As leis da criação linguística são, em sua essência, leis individuais e psicológicas.
- 3) A criação da língua é uma criação consciente, análoga à criação artística;
- 4) A língua como um produto pronto [...], como um sistema linguístico estável (dotado de vocabulário, gramática, fonética), representa uma espécie de sedimentação imóvel, de lava petrificada da criação linguística, construída de modo abstrato pela linguística com o objetivo prático de ensinar a língua como um instrumento pronto (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 148-149).

Os pensamentos da primeira tendência são deveras mais amplos do que fora ilustrado nos postulados acima, contudo, Volóchinov (2021[1895-1936]) apregoa que as premissas listadas dão conta do núcleo principal das ideias. Podemos pressupor aqui que o Subjetivismo Abstrato divide o que é do interior e do exterior, colocando o interior no centro da criação da linguagem, no entanto, a linguagem é determinada socialmente e orientada para o outro.

Já a segunda tendência, o Objetivismo Abstrato, para Volóchinov (2021[1895-1936]), apresenta um centro organizador focado no sistema linguístico (sistema de formas linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais), a língua é um arco-íris imóvel que se ergue acima do fluxo ininterrupto da primeira tendência. Os postulados da segunda tendência foram sintetizados nos seguintes fundamentos:

- 1) A língua é um sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas, encontrado previamente pela consciência individual e indiscutível para ela.
- 2) As leis da língua são leis linguísticas específicas de conexão entre os sinais linguísticos dentro de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas em relação a qualquer consciência subjetiva.

- 3) As leis linguísticas específicas não possuem nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos e outros). Nenhum motivo ideológico é capaz de fundamentar o fenômeno da língua. Entre a palavra e a sua significação não existe uma conexão, seja ela natural e compreensível para a consciência, seja artística.
- 4) Os atos individuais da fala são, do ponto de vista da língua, apenas refrações e variações ocasionais ou simplesmente distorções das formas normativas idênticas, mas justamente esses atos de uma fala individual explicam a mutabilidade histórica das formas linguísticas, que, como tal, do ponto de vista do sistema da língua, é irracional e sem sentido. Entre o sistema da língua e sua história não existe nem conexão nem motivos em comum. Eles são alheios entre si (Volóchinov, 2021[1895-1936], p. 179).

Os postulados da segunda tendência são opostos aos da primeira. Além disso, entendemos que, conforme Volóchinov (2021[1895-1936]), a linguagem não se restringe apenas ao nível da palavra, mas é compreendida como enunciação. As duas correntes de pensamento demonstravam que desconsideravam o indivíduo social, ou melhor, não davam relevância ao falante em uma relação necessária com outros participantes da comunicação discursiva (Bakhtin, 2011[1992]).

As reflexões linguísticas iniciaram no estudo da língua como sistema de formas normativas, com base em línguas *mortas*, conservadas em documentos escritos. Ou seja, monólogos fechados serviram sempre de apoio para os estudos linguísticos, e assim foram elaborados seus métodos e categorias. Os filólogos-linguistas tomavam os monólogos em análises em que se valiam por si mesmos, em uma compreensão unicamente passiva, sem considerar a ideologia e o seu uso na esfera real de comunicação (Volóchinov (2021[1895-1936])).

Noções de que a linguagem necessita apenas de um falante e do objeto de sua fala, ou que temos do outro lado um indivíduo apenas ouvinte e entendedor atuando em um fluxo passivo, transmissor, é uma ideia deturpada na comunicação discursiva (Bakhtin, 2011[1992]). “A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena” e “uma fase inicial preparatório da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê)” (Bakhtin, 2011[1992], p. 271-272). No entanto, Volóchinov não descarta a

importância da língua quanto sistema abstrato de formas normativas, inclusive, ressalva que, se houver um propósito teórico preciso, a abstração da língua somente quanto sistema pode se legitimar (Volóchinov (2021[1895-1936])).

O Círculo considera que o entendimento teórico da concepção da linguagem como sistema pronto é falsa, porque se caracteriza “pela percepção clara do momento da identidade do signo linguístico, isto é, na sua percepção como objeto e sinal em que, por conseguinte, predomina o momento do reconhecimento” (Volóchinov (2021[1895-1936], p. 186). Volóchinov ainda destaca que toda enunciação monológica, escrita e finalizada, desvinculada de seu contexto linguístico e real, se coloca apenas para a compreensão passiva de um filólogo, não se espera, neste caso, uma resposta ativa (Volóchinov, 2021[1895-1936])).

Na concretização da linguagem, Volóchinov (2021[1895-1936]) aponta que o interlocutor também deve ser considerado e, principalmente, não apenas como decodificador, pois não se trata apenas do reconhecimento de uma forma já utilizada, mas sim da compreensão da forma em um contexto, em uma enunciação particular. Em outros termos, o interlocutor não se atém à conformidade da norma, quanto sinal imutável; mas sim atua reconhecendo a forma como signo (variável e flexível), dentro de uma comunidade linguística. Desta forma,

[...] a consciência linguística do falante e daquele que escuta e compreende não lida na prática ou na fala viva com um sistema abstrato de formas linguísticas normativas e idênticas, mas com a linguagem no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada (Volóchinov, 2021 [1895-1936], p. 180).

Falamos e escutamos palavras carregadas de conteúdo ou sentidos ideológicos/vivenciais que, quando compreendidos, provocam reações também ideológicas,

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele

uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (Bakhtin, 2011[1992], p. 271).

Melhor dizendo, não são ações e recepções passivas, ocorre uma comunhão mútua entre consciências em um contexto sócio-histórico que também se faz presente na construção de sentidos. Ademais, a língua em uso é inseparável de seu conteúdo ideológico e o que passa a ganhar maior importância ao locutor/interlocutor não é a correção gramatical na interação, mas sim seu valor enquanto conteúdo.

Em consonância com as ideias do Círculo, Rodrigues (2001) afirma que “a linguagem é o resultado, o “produto” da atividade humana coletiva, fundada nas necessidades da comunicação social”. Trata-se da “forma materializada da comunicação social, sendo que nisso consiste a sua existência como signo, refletindo nos seus elementos a organização econômica e sócio-política da sociedade que a gerou” (Rodrigues, 2001, p. 9). Rodrigues (2001, p.10) corrobora a premissa de que é na linguagem verbal que melhor se verifica “o papel da linguagem no processo de desenvolvimento da consciência e da vida social” e sintetiza as características da linguagem apontadas por Volóchinov (1988)⁵ que a fazem ocupar posição central no universo dos signos:

Quadro 2 – Linguagem verbal - Rodrigues (2001) com base em Volóchinov (1988) - Adaptação

a. Pureza Semiótica:	Não apresenta realidade não-sígnica, pois é inteiramente signo (o signo mais puro e indicativo das relações sociais).
b. “Neutralidade”	

⁵ Rodrigues (2001) utiliza a 4ª edição de 1988, traduzida da língua francesa.

ideológica:	Não apresenta uma função ideológica específica, por isso pode preencher qualquer função (estética, científica, moral, religiosa, jornalística etc.)
c. Papel especial na esfera cotidiana:	A comunicação na vida cotidiana não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular, constituindo-se como domínio da ideologia cotidiana. A palavra é o material semiótico privilegiado na comunicação na vida cotidiana.
d. Material semiótico da vida interior:	Material semiótico privilegiado da vida interior, da consciência, como discurso interior.
e. Elemento acompanhante de todo ato consciente:	Pelo seu papel como instrumento principal da consciência e como signo social, a palavra acompanha o comportamento humano, uma obra etc. Toda atividade mental, criação ideológica e apreensão ativa é mediada pela palavra.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores com base em Rodrigues (2001, p.11-12) – Adaptação.

As características da linguagem verbal apontadas na tabela exaurem qualquer tentativa de indicar uma inversão no processo de criação ideológica, ou seja, impede que confirmemos a ideia de uma consciência determinando a criação ideológica, pois a linguagem verbal, por sua pureza semiótica e ubiquidade social, ilustra que os fenômenos ideológicos não podem ser reduzidos à consciência ou ao psiquismo, premissa que desconsidera o social (Rodrigues, 2001).

Assim, no estudo da linguagem sob a perspectiva sociológica, faz-se necessário que não percamos de vista a concepção de que a linguagem emerge das relações sociais, é a materialização da comunicação que ocorre nas interações, por isso, só pode ser analisada por este viés. Na comunicação social, a comunicação discursiva evolui, “acompanha e reflete a evolução das relações sociais estáveis dos falantes” por meio de enunciados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo das reflexões interpretativo-analíticas precedentes podemos perceber que todo trabalho que tenha como objeto de estudo, direta ou indiretamente, a comunicação verbal, sob uma perspectiva sociológica, deve considerar a palavra como palavra-signo, ou seja, a palavra inerentemente ideológica que emerge da comunicação social. Embora a palavra quanto forma seja real e passível a análises, quanto sistema da língua, será somente compreendida no seu uso real, vivo e dialógico.

Assim, de acordo com a perspectiva sociológica, o signo deve ser visto como um fenômeno do mundo externo, por isso, descarta-se a possibilidade de a linguagem emergir de uma consciência individual, mas sim se constitui na interação de consciências em contextos variados. Desta forma, a linguagem passa a ser um produto da atividade humana que surge a partir das necessidades de interação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011[1992].

COSTA, Luiz Rosalvo. Filosofia da linguagem e ideologia no Círculo de Bakhtin. **A Palo Seco** - Escritos de Filosofia e Literatura - São Cristóvão (SE), N. 11, p. 7-17, Jan-Dez/2018.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES, Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana:** o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Tradução do italiano por Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e funcionamento do gênero jornalístico artigo:** cronotopos e dialogismo. 2001. 356 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Centro de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.152-183.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2021 [1895-1936].